



## ESCRavidÃO E DIÁSPORA: UMA ANÁLISE DE O CAMINHO DE CASA, DE YAA GYASI

<https://doi.org/10.32988/rep.v2n9.1208>

Gabriella Gargalhão Antunes<sup>1</sup>  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
(gabiscardin@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo visa à análise do romance *O Caminho de Casa* (2016), da autora ganesa Yaa Gyasi, que focaliza a diáspora africana, de modo a demonstrar como a autora revisita criticamente o passado e promove uma representação do impacto do cativeiro nos descendentes de escravos. Abordaremos igualmente a representação da identidade cultural do sujeito diaspórico. Para isso, utilizaremos as teorias de diáspora africana de Kevin Kenny (2013) e Paul Gilroy (2001), bem como o conceito de identidade diaspórica de Stuart Hall (2008).

**Palavras-chave:** Diáspora; Escravidão; Identidade cultural.

### SLAVERY AND DIASPORA: AN ANALISYS OF *HOMEGOING*, BY YAA GYASI

**Abstract:** This article aims to analyze the novel *Homegoing* (2016), by the Ghanaian author Yaa Gyasi, which focuses on the African diaspora, in order to demonstrate a critical revisitation to the past and promotes a representation of the impact of captivity on the descendants of slaves. We will also approach the representation of the cultural identity of the diasporic individual. For this, we will use the theories of African Diaspora by Kevin Kenny (2013) and Paul Gilroy (2001), and also the concept of diasporic identity by Stuart Hall (2008).

**Keywords:** Diaspora; Slavery; Cultural identity.

### ESCLAVITUD Y DIASPORA: UN ANÁLISIS DE *VOLVER A CASA*, POR YAA GYASI

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar la novela *Volver a Casa* (2016), de la escritora de origen ghanés Yaa Gyasi, con enfoque en la diáspora africana, para demostrar cómo el autor revisita críticamente el pasado y promueve una representación del impacto del cautiverio en los descendientes de esclavos. También abordaremos la representación de la identidad cultural del sujeto diaspórico. Para esto, use las teorías de La diáspora africana de Kevin Kenny (2013) y Paul Gilroy (2001), así como el concepto de identidad diaspórica de Stuart Hall (2008).

**Palabras-clave:** Diáspora; Esclavitud; Identidad cultural.

## 1. INTRODUÇÃO

O fluxo migratório é um processo inerente a raça humana. Os motivos que levam a essa condição são diversos, indo de perseguições religiosas ou políticas, guerras a questões de ordem econômica. Segundo Said (2003), o exílio –

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português-Inglês pela UERJ, ex-bolsista PIBIC-UERJ.

e, portanto, também a diáspora --“é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (SAID, 2003, p. 46), sendo assim uma cicatriz que permanece no sujeito em trânsito.

O termo diáspora deriva do grego *diaspeirein* e significa “espalhar”. O termo foi encontrado pela primeira vez no livro do Deuteronômio 28, v. 25. Há um consenso entre os estudiosos de que os processos diaspóricos mais conhecidos são relacionados ao povo judeu. A primeira grande diáspora ocorreu em 586 a.C, com a invasão babilônica e o exílio forçado de milhares de hebreus. Entretanto, outras invasões afetaram o povo judeu, gerando assim novos processos de dispersão.

O conceito de diáspora não é apenas sinônimo de migração traumática, e, conseqüentemente, forçada. O termo se vincula também a uma eventual redefinição identitária, tendo em vista o contato com uma nova cultura. Tendo como exemplo a primeira grande diáspora judaica, é possível perceber o caráter fluido das identidades nos processos diaspóricos. Muitos judeus assimilaram a cultura da sociedade de acolhimento, adquirindo novos hábitos, modos de pensar e até mesmo mudando de religião.

No entanto, para além do sentido bíblico, as ocorrências com o povo judeu foram apenas o marco inicial de movimentos diaspóricos violentos e traumáticos. Assim, o olhar dos teóricos voltou-se para outros povos que também passaram pelo processo da diáspora, como indianos, armênios e africanos.

No presente artigo, focalizaremos a diáspora africana decorrente da escravidão, bem como seus efeitos na redefinição da identidade do sujeito diaspórico. Para isso, faremos uma breve análise de algumas personagens do romance *O caminho de casa*, da autora ganesa Yaa Gyasi.

## **2. DIÁSPORA AFRICANA: TRAUMA NO ATLÂNTICO**

Muito embora o termo diáspora tenha sido originalmente ligado à dispersão judaica, bem como à violenta dispersão armênia e grega, na década de



1960, o termo “diáspora africana” foi cunhado pelo professor e historiador George Shepperson. Como apontado por Silva e Xavier (2018):

ao cunhar esta expressão ele afirma que quis explicitamente fazer paralelo entre a diáspora judaica e a dispersão de africanos como consequência do tráfico de escravos. Para Shepperson esta conexão já era reconhecida tanto pelos afroamericanos como por intelectuais caribenhos que faziam conexões entre seu próprio povo no exílio e o dos judeus. (2018, p. 2)

Assim, temos a compreensão de que o termo diáspora africana não se dissocia do tráfico de escravos, ou seja, o fluxo de indivíduos oriundos do continente africano de maneira forçada pelo oceano Atlântico, tendo como meio os navios negreiros. Tal concepção de imigração forçada, já bastante íntima dos africanos, começou a ser questionada pelos Estudos Africanos, também na década de 1960. Os primeiros grandes projetos do grupo de estudos ocorreram no Instituto de Estudos da Diáspora Africana foi criado na *Howard University* em 1979 (SILVA E XAVIER, 2018).

Segundo Kevin Kenny, em seu livro *Diaspora: A Very Short Introduction* (2013), a diáspora africana emergiu da escravidão do Atlântico. De acordo com Kenny (2013), o termo foi amplamente estudado e usado para tentar encontrar uma definição consolidada. Entretanto, ele vê uma incoerência nessa busca de um conceito abrangente, dadas as especificidades dos contextos em que as diásporas ocorreram e ocorrem:

A mais influente dessas tipologias é tão abrangente que quase todas as formas de migração contam - não apenas os casos catastróficos (judeus cativo, escravidão africana, genocídio armênio, fome irlandesa), mas também a migração de comerciantes, trabalhadores e até colonizadores. Tentando encaixar o máximo critérios quanto possível em uma única definição pode resultar em incoerência. Mas escolher alguns critérios em detrimento de outros pode resultar em uma conta parcial, ambos os sentidos dessa palavra - tendenciosa e incompleta. (KENNY, 2013, p. 29, tradução nossa)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup>The most influential of these typologies are so comprehensive that almost every form of migration counts—not just the catastrophic cases (Jewish captivity, African slavery, the Armenian genocide, the Irish famine), but also the migration of merchants, workers, and even colonizers. Trying to fit as many criteria as possible into a single definition can result in incoherence. But choosing some criteria at the



A diáspora africana de acordo com Kenny (2013), bem como definido por ele todo tipo de diáspora, é intimamente ligada ao sofrimento de um povo que deixa sua terra natal seja voluntariamente ou involuntariamente. No caso da diáspora africana, a ligação com o tráfico de escravos é mais do que confirmada pelos teóricos assim como Kenny (2013).

Conforme supracitado, Kenny (2013) afirma que a diáspora negra emergiu da escravidão do Atlântico e o teórico Paul Gilroy (2001) utiliza o termo Atlântico Negro para se referir “às estruturas transnacionais criadas na modernidade que se desenvolveram e deram origem a um sistema de comunicações globais marcado por fluxos e trocas culturais” (SANTOS, 2002, p. 273). O autor usa esse nome como título de sua obra *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência* (2001). De acordo com Gilroy, o Atlântico Negro é formado por negros cujas identidades não se vinculam à cultura do país em que se encontram, formando assim uma estrutura identitária única entrelaçada com a troca cultural. Santos (2002), em uma análise da obra de Gilroy, discorre que o título do livro “tem um sentido poético, mas, sobretudo heurístico” (SANTOS, 2002, p.274) em que o mar representa essa mistura de culturas a que o sujeito diaspórico é submetido.

O tráfico de escravos não ocorria apenas com indivíduos de uma mesma localidade, mas sim de toda a África, o que fazia com que a multiplicidade cultural fosse muito maior e o sujeito diaspórico sentisse de um modo mais agudo o peso da diferença, assim afetando sua identidade para além do poder hegemônico. Segundo Faria (2006):

A existência de uma comunidade escrava estaria, por conseguinte, na visão senhorial. As diferenças internas entre escravos impediam que somente a experiência do cativo lhes conferisse unidade. Por outro lado, os senhores muitas vezes se utilizaram destas diferenças para obter ganhos. (FARIA, 2006, p. 127)

---

expense of others can result in a partial account, in both senses of that word—biased and incomplete (KENNY, 2013, p. 29).



Na perspectiva de Stuart Hall (2008), a definição fechada de diáspora é sustentada pela diferença. Para Hall, o conceito de diáspora “está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma posição rígida entre o dentro e o fora” (HALL, 2008, p.33). Os apontamentos de Hall são baseados na noção derridiana de *différance*, “uma diferença que não funciona através de binarismos [...]” (HALL, 2008, p. 33). Assim, podemos afirmar que as questões identitárias são carregadas de interferências de outras culturas que não nativas. Hall discute sobre a estética diaspórica da cultura caribenha, “construída como carga e perda”.

Segundo Carreira (2013) a reconfiguração da identidade do sujeito diaspórico pode ocorrer de maneira positiva ou negativa:

O caráter positivo aponta para o hibridismo cultural, a criouliização, o sincretismo cultural. O negativo relaciona-se ao reforço de identidades locais, gerando manifestações identitárias exacerbadas; caso do fundamentalismo religioso e do racismo. (2013, p. 4)

No entanto, por se tratar de casos de migração forçada e escravidão, o aspecto em grande maioria ocorre de maneira negativa. A imposição da cultura do povo dominante, o que se torna uma das características da diáspora africana no geral, a adaptação acontece de forma traumática, gerando racismo mesmo após o período de escravidão.

### **3. YAA GYASI: A SAGA DE O CAMINHO DE CASA**

*O caminho de casa* é um romance épico da escritora ganesa Yaa Gyasi, publicado em 2016, que acompanha a trajetória dos descendentes de duas irmãs africanas<sup>3</sup>. Com ele, a autora ganhou o prêmio PEN/Hemingway em 2017 de melhor romance de estreia.

---

<sup>3</sup> Há no apêndice ao texto um mapa genealógico dos descendentes das duas irmãs.



Gyasi migrou para os Estados Unidos quando ainda criança e, em entrevista concedida a *O Globo*, disponível no Portal Geledes, conta brevemente como foi sua experiência no novo país:

Não havia outros imigrantes da África Ocidental quando minha família se mudou para o Alabama. Então, acredito que tenha sido bastante desolador, especialmente para meus pais, que estavam acostumados com uma vida em comunidade. Foi bastante difícil para a gente encontrar nosso lugar. (GYASI, 2017)<sup>4</sup>

Vale salientar a relação entre o vocábulo “casa” no título do romance e a experiência pessoal da autora, que, por ser uma escritora migrante, consegue transmitir aos leitores o quanto a migração, seja ela voluntária ou forçada, pode ser doloroso e desolador. Por ter vivido em vários lugares nos Estados Unidos, Gyasi foi capaz de vivenciar diferentes situações no país para o qual imigrou.

A escrita do romance não foi um processo simples para Yaa Gyasi. Para atingir o objetivo de escrever uma história que causasse impacto no leitor, foi necessária uma viagem a Gana e sete anos de pesquisas, segundo a autora. Em sua entrevista a *O Globo*, ela conta como a sua viagem, especialmente ao Castelo de *Cape Coast*, foi crucial para a escrita do romance:

A viagem foi o gênesis de “O caminho de casa”. Visitar o Castelo de Cape Coast (fortificação de onde negros escravizados eram enviados para a América) foi uma experiência aterrorizante. Eu me lembro de estar parada nos calabouços e sentir raiva e tristeza ao mesmo tempo. (GYASI, O GLOBO, 2017)<sup>5</sup>

#### 4. O CAMINHO, A CASA

O romance *O caminho de casa* (2016) narra a trajetória das gerações de descendentes de duas irmãs com destinos completamente opostos. O romance

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-caminho-de-casa-premiado-romance-de-yaa-gyasi-acompanha-descendentes-de-duas-irmas-africanas/>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-caminho-de-casa-premiado-romance-de-yaa-gyasi-acompanha-descendentes-de-duas-irmas-africanas/>



apresenta, em cada capítulo, um descendente das irmãs Effia e Esi, que, embora tendo a mesma mãe, nunca se encontraram.

Effia pertence à tribo fanti, localizada em Gana, e o dia do seu nascimento foi marcado por um grande incêndio:

NA NOITE EM QUE Effia Otcher nasceu, no calor almiscarado da terra dos fantis, um incêndio varria a floresta bem na frente do compound de seu pai. O fogo avançava rápido, abrindo caminho por dias a fio. Alimentava-se do ar. Dormia em cavernas e se escondia em árvores. Ele queimava, lançando chamas para o alto e para todos os lados, alheio à devastação que deixava para trás, até que chegou a uma aldeia axânti. Lá, ele sumiu, unindo-se à noite. (GYASI, 2017, p. 9)

Conhecida como Effia, a bela, sofre com a constante violência e ódio de sua madrasta Baaba, que, por longo tempo, pensara ser sua verdadeira mãe. A menina queria se casar com um grande homem da linha de sucessão do chefe da aldeia, Abeeku Badu. No entanto, por interferência de Baaba, que ansiava se livrar dela, Effia acaba se casando com um oficial britânico, James Collins, indo morar no Castelo de *Cape Coast*.

É importante ressaltar, nesta análise, o fato de que as esposas de oficiais britânicos muitas vezes eram forçadas a mudar de nome, pois os soldados não conseguiam pronunciar seus nomes na língua ganesa. Além de se casarem com mulheres das tribos para manter a relação com os locais, eles as privavam de sua própria identidade, o que foi o caso de Eccoah:

— Meu marido não consegue pronunciar meu nome direito. Ele quer me chamar de Emily — disse Eccoah. — Se ele quer te chamar de Emily, deixa — disse Adwoa. Delas quatro, ela era rapariga havia mais tempo e sempre dava suas opiniões com liberdade e em voz alta. Todo mundo sabia que seu marido praticamente a idolatrava. — Melhor isso que ouvi-lo assassinar sua língua materna o tempo todo. (GYASI, 2017, p. 23)

Cañellas i Bosch (2018) afirma que os casamentos com oficiais britânicos, correspondiam também a uma forma de escravidão, pois as mulheres eram



separadas de suas famílias e viviam nos castelos. Além disso, tinham que assumir um papel de esposa que não fazia parte de sua cultura:

Esse tipo de negócio era semelhante à escravidão no sentido de que os membros da família estavam separados. Jovens mulheres eram tiradas de suas famílias como uma maneira de os colonizadores garantirem a lealdade da tribo; as meninas eram forçadas a se casar com homens brancos e, portanto, forçadas a adotar uma nova identidade como esposas negras. (CAÑELLAS I BOSCH, 2018, p.6)<sup>6</sup>

No Castelo, Effia descobre que, nos calabouços, vivem mulheres que foram tiradas de suas respectivas aldeias para serem escravas, entretanto não pode fazer nada a respeito. Nesses calabouços, se encontra sua meia-irmã, Esi, uma menina axânti que fora capturada durante uma invasão em sua aldeia.

Esi é filha de Maame e de um grande homem da aldeia axânti. Os axântis capturam pessoas de outros vilarejos e fazem deles seus servos. Penalizada ao ver o desespero de Abronoma, serve de sua mãe, Esi a ajuda, mandando uma mensagem ao pai da jovem, que, meses depois, invade a aldeia de Esi com seus guerreiros, ateando fogo em todo local.

Antes da tragédia, Abronoma, revelara a Esi que Maame também tinha sido uma escrava na tribo fanti, que fora estuprada e tinha dado à luz uma menina:

Sua mãe foi escrava de uma família fanti. Ela foi estuprada pelo senhor porque ele também era um Grande Homem, e os grandes homens podem fazer o que bem entenderem, para que não pareçam “fracos”, não é? — Esi desviou o olhar, e Abronoma prosseguiu, num sussurro: — Você não é a primeira filha que sua mãe teve. Ela teve outra antes de você. E na minha aldeia nós temos um ditado sobreirmãs separadas. Elas são como uma mulher e a imagem do seu reflexo, condenadas a ficar cada uma de um lado do lago. (GYASI, 2017, p. 34)

Na tentativa de fugir do incêndio, Esi tenta fazer com que Maame fuja com ela, entretanto, ela não consegue fugir e fica em seu *compound* em chamas.

---

<sup>6</sup>This kind of business was similar to slavery in the sense that family members were separated. Young girls were taken from their families as a way for the colonizers to ensure the loyalty of the tribe; the girls were forced to marry white men and thus forced to adopt a new identity as black wives (CAÑELLAS I BOSCH, 2016, p.6)).



Nesse dia, Maame entrega a Esi uma pedra negra, fato que vem a repercutir no futuro, pois sua meia-irmã também recebe uma pedra idêntica da madrasta, sem saber que ela pertencera à sua verdadeira mãe.

O romance mostra que algumas tribos capturavam membros de outras tribos para servirem como escravos para os britânicos do Castelo de *Cape Coast*. Capturada e levada para o Castelo, Esi enfrenta os piores dias da sua vida. Logo no início do capítulo, há uma breve descrição do calabouço que abrigava de forma desumana as escravas:

O CHEIRO ERA INSUPOORTÁVEL. No canto, uma mulher chorava tanto que parecia que seus ossos iam se quebrar com as convulsões. Era isso o que eles queriam. O bebê tinha se sujado, e Afua, sua mãe, não tinha leite. Ela estava nua, a não ser pelo trapinho que os mercadores lhe deram para limpar os mamilos quando vazassem; mas eles tinham se equivocado. Se não havia comida para a mãe, não haveria alimento para o bebê. O bebê logo começaria a chorar, mas o som seria absorvido pelas paredes de barro, incorporado aos gritos das centenas de mulheres que o cercavam. [...] Esi estava no calabouço das mulheres no Castelo de *Cape Coast* havia duas semanas. Passou ali o seu aniversário de quinze anos. No seu aniversário de catorze anos, ela estava no coração da terra axânti, no compound do seu pai, o Grande Homem. [...] (GYASI, 2017, p. 27)

Quando Esi finalmente é tirada do calabouço do castelo, ela é encaminhada ao navio negreiro. Na passagem a seguir é descrito o sentimento de Esi naquele momento:

Eles as levaram para a claridade. O cheiro da água do mar entrou pelo seu nariz. O sabor do sal grudou-se na sua garganta. Os soldados fizeram com que descessem até uma porta aberta, que dava para a areia e a água. E todas começaram a sair por ela. Antes de Esi sair, aquele chamado governador olhou para ela e sorriu. Era um sorriso simpático, compadecido, porém verdadeiro. Mas, pelo resto da sua vida, Esi veria um sorriso no rosto de um branco e se lembraria do sorriso que o soldado lhe deu antes de levá-la para seu alojamento; de como o sorriso de homens brancos significava simplesmente que mais maldade viria com a próxima onda. (GYASI, 2017, p. 42)

De modo a seguir com a narrativa das gerações das irmãs Effia e Esi, focalizaremos alguns de seus descendentes. Quey, filho de Effia. Nasceu e viveu

parte de sua vida no castelo com sua mãe e seu pai, um oficial britânico. Educado à moda europeia, após a morte do pai, Quey é enviado à tribo de sua mãe para estreitar relações comerciais com o chefe Abeeku Badu. Ele fora escolhido por ser capaz de falar o idioma tribal, entretanto ele nunca estivera na vila em que sua mãe nascera. Quey é metade fanti e metade britânico, e essa viagem leva-o a uma crise identitária. No caminho até a aldeia, ele sente o peso da diferença, pois sente que não pertence àquele lugar. Sua criação e seu ambiente familiar não tinham qualquer relação com o que ele estava vivenciando:

Sangue. Ele visualizou os prisioneiros sendo trazidos para os porões e grupos de dez e de vinte, com mãos e pés amarrados, sangrando. Ele não fora feito para isso. Supostamente deveria ter uma vida mais fácil, longe das engrenagens da escravidão. Foi criado entre os brancos de Cape Coast, estudou na Inglaterra. Ainda deveria estar no seu escritório no castelo, trabalhando como escriturário, oposto inicial que seu pai, James Collins, tinha garantido para ele antes de morrer, registrando números que ele podia fingir que não representavam pessoas sendo compradas e vendidas. Em vez disso, o novo governador do castelo o tinha convocado e despachado para ali, para o mato. (GYASI, 2017, p. 43)

Com o passar do tempo, Quey é envolvido em um plano arquitetado pelo tio Fiffi, que havia capturado a jovem filha do rei axânti e, para evitar conflitos, decidira que o sobrinho deveria desposá-la. Esse incidente altera toda a história da personagem, que, mesmo a contragosto, incorpora os hábitos locais e adota uma nova postura identitária.

À medida que o romance prossegue, o leitor é apresentado à personagem que dá sucessão à história de Esi, sua filha Ness. Já nos Estados Unidos, trabalhando em uma *plantation* no Alabama, Ness relembra as histórias contadas pela mãe sobre o “Barco Grande”, referência ao navio negreiro. Quando Ness era criança, Esi só se comunicava com ela em *twi*<sup>7</sup>, porém, fora severamente punida por isso. Depois de ser açoitada por cada palavra em *twi* que pronunciava, Esi deu um novo nome à filha:

---

<sup>7</sup> Língua axânti.



Ele açoitou Esi cinco vezes para cada palavra em twi que Ness disse; e quando Ness, vendo sua mãe ser castigada, ficou apavorada demais para abrir a boca, ele deu cinco açoitadas em Esi para cada minuto de silêncio de Ness. Antes do açoitamento, sua mãe a chamava de Maame, em homenagem à própria mãe, mas o senhor tinha chicoteado Esi por isso também. Ele a tinha chicoteado até ela exclamar “My goodness!” — as palavras lhe escapando da boca, sem que ela pensasse, sem dúvida aprendidas com a cozinheira, que costumava dizê-las para assinalar cada frase. E como essas tinham sido as únicas palavras em inglês que saíram pela boca de Esi, sem ela lutar para encontrá-las, Esi acreditou que o que ela estava dizendo devia ter sido alguma coisa divina, como a dádiva de uma filha. Foi assim que aquele “goodness” virou apenas Ness. (GYASI, 2017, p. 59)

Além do trauma da escravidão, as irmãs legam aos descendentes a perda do vínculo com o próprio nome.

Na *plantation* do Alabama, Ness não sabe ao certo sua idade e trabalha sem interagir muito com os outros escravos, sendo bastante reservada. Em meio às agruras do cotidiano, ela alimenta lembranças e tem dificuldade para se acostumar com o fato de uma pessoa negra ter o inglês como seu idioma “Ness não tinha certeza se um dia ia se acostumar a ouvir o inglês se derramando da boca de negros” (GYASI, 2017, p. 59).

Seu senhor desejava que ela trabalhasse dentro de casa, servindo à família, ao invés de trabalhar no campo. Entretanto, quando uma escrava mais antiga lhe dá o traje de serviçal interno, descobre as terríveis marcas de açoite em seu corpo e ela é obrigada a retornar à plantação. As marcas foram adquiridas quando ela era escrava de um senhor brutal. À época, ele a tinha obrigado a casar com Sam, um escravo um tanto rebelde e agressivo, que se recusava a aprender o inglês. Aos poucos, ela passa a gostar dele e eles têm um filho, Kojo. Estimulados por uma escrava axânti, eles decidem fugir. Entretanto, os planos não saem como esperado e apenas a mulher e Kojo escapam. Ness é brutalmente açoitada e Sam é enforcado. Na *plantation* do Alabama, Ness revolve os fragmentos de memória.

O capítulo que narra a história do filho de Ness tem o seu nome como título. Kojo é um homem livre, pois Aku, a mulher a quem Ness o entregara, conseguira atravessar a fronteira. Entretanto, o racismo, um reflexo direto da



escravidão, é parte frequente na vida de Jo, como ele é chamado. Sempre que acontece algo errado, os homens negros são os primeiros a serem apontados como culpados:

A reputação de Jo era impecável. Ele vinha trabalhando havia quase dois anos nos navios em Fell's Point e nunca tinha causado problema para ninguém. Mesmo assim, sempre que ocorria um roubo numa embarcação, todos os negros que trabalhavam nas docas eram reunidos e interrogados. Jo estava cansado daquilo. Ele sempre ficava nervoso na presença da polícia ou de qualquer pessoa de uniforme. (GYASI, 2017, p. 88)

Jo é casado e possui sete filhos e sua esposa, Anna, está grávida do oitavo. Como as crianças receberam nomes iniciados pela sequência de letras do alfabeto, a família se refere ao bebê como H. Anna trabalha na casa da família Mathison e, um dia, repentinamente, é sequestrada.

Alguns dias antes, o Sr. Mathison havia aconselhado a família a fugir para o Canadá, pois uma lei que permitia que negros, mesmo sendo livres, fossem novamente escravizados estava em vias de ser assinada. Confiando no fato de que Anna tinha obtido a liberdade legalmente quando ainda era jovem e certo de que Aku não deixaria Baltimore, eles decidiram ficar.

Quando Anna desaparece, Jo sai em busca de informações. Por meio do ex-patrão da esposa, ele descobre que ela fora levada por um homem branco em uma carruagem.

A narrativa do capítulo termina com um salto temporal de dez anos. Com os filhos crescidos e sem notícias de Anna e do bebê que ela esperava, Jo passa a maior parte do tempo em bares. Ele não tem memória dos seus pais e não compreende totalmente sua língua materna, que lhe fora ensinada por Aku. O romance registra que ele é o último descendente de Esi a ser capaz de se comunicar em twi. Kojo possui uma identidade “construída como carga e perda” (HALL, 2008), feita de trabalho e ausência de referenciais culturais.

Em *O caminho de casa*, apenas um dos descendentes de Esi e de Effia é escolhido para ser o foco em cada geração. Gyasi usa esses pares de personagens para evocar acontecimentos históricos e narrar as adversidades enfrentadas pelos

descendentes de Esi nos Estados Unidos, bem como os problemas que assombram os de Effia em Gana. Como são muitos personagens, selecionamos aqueles que apresentam de uma forma mais aguda o conflito identitário, alcançando, assim, os anos 90.

Marjorie vive nos Estados Unidos, embora tenha nascido em Gana. Na escola, ela sofre o preconceito racial de ambas as partes: os negros a criticam devido ao seu sotaque britânico e os brancos não a aceitam por ela ser negra:

Na escola nova, havia mais alunos negros do que Marjorie estava acostumada a ver no Alabama, mas bastaram algumas conversas com eles para Marjorie perceber que eles não eram do mesmo tipo de negro que ela era. Que, na realidade, ela era do tipo errado. — Por que você fala desse jeito? — Tisha, a líder do bando, tinha lhe perguntado no primeiro dia de aula do ensino médio, quando ela se juntou às outras garotas para almoçar. — De que jeito? — perguntou Marjorie. — De que jeito? — Tisha repetiu, fingindo um sotaque quase britânico para registrar sua impressão de Marjorie. (GYASI, 2017, p. 199)

Ao visitar a avó, Akua, em Gana, ela questionara sua própria identidade por não se sentir americana nem ganesa. Estranhamente, ela sempre se sentira apátrida, destituída de raízes, muito embora conhecesse bem a história familiar. Alguns anos antes, ela recebera do pai a pedra negra que era de Effia e que fora passada de pais para filhos por gerações:

Instintivamente, Marjorie ergueu a mão até o colar que seu pai lhe dera só um ano antes, dizendo que finalmente ela estava com idade suficiente para cuidar dele. Ele tinha pertencido à Velha e a Abena antes dela, a James, a Quey e a Effia, a Bela, anteriormente. Tudo tinha começado com Maame, a mulher que ateou um enorme incêndio. Seu pai dissera que o colar fazia parte da história da sua família e que ela nunca deveria tirá-lo, nem dá-lo para outros. Agora, ele refletia a água do mar à sua frente, ondas de ouro tremeluzindo na pedra negra. (GYASI, 2017, p. 198).

Ela sabe perfeitamente que a pedra é o símbolo de uma herança que não deve ser apagada. A sua relutância em aderir ao modelo que lhe é imposto pela sociedade estadunidense fica clara quando reage mal à insistência de uma professora que lhe pede para participar de um evento falando de sua experiência



afro-americana. Ela argumenta que sua família estava há pouco tempo nos Estados Unidos e ela tinha mais ligações com a África do que a maioria dos afro-americanos. A resposta da professora reflete o olhar hegemônico, pois afirma que naquele país todos os negros são tratados do mesmo modo. Essa pretensa homogeneização é um modo de relegar os negros à subalternidade.

O capítulo intitulado “Marcus” nos é apresentado como a conclusão do romance. Marcus estuda sociologia em Stanford e faz uma pesquisa sobre a opressão contra os negros ainda presente na sociedade da época. A motivação de sua pesquisa era o racismo sofrido pelo bisavô H, a criança que a esposa de Kojo, Anna, esperava ao ser sequestrada. H fora preso por simplesmente olhar para uma mulher branca. Marcus percebe que não poderia falar sobre seu bisavô sem falar da sua avó, da Grande Migração e também do Harlem. Há nele uma frustração por não saber nada concreto de antes de H.

Marcus sente pavor de água, não consegue se aproximar do mar. Seu pai, Sonny, sempre dizia que o seu medo era um reflexo do trauma sofrido pelos escravos ao serem transportados nos navios negreiros através do Atlântico:

Quando ele era pequeno, seu pai lhe dizia que os negros não gostavam da água porque tinham sido trazidos em navios negreiros. Para que um negro ia querer nadar? O fundo do oceano já estava abarrotado com corpos de negros. [...] Sonny nunca parava de falar sobre a escravidão, sobre o complexo prisional de trabalhos forçados, sobre o Sistema, a segregação, o Homem. Seu pai tinha um ódio arraigado pelos brancos. (GYASI, 2017, p. 211)

Marcus e Marjorie tornam-se amigos na universidade. Juntos embarcam em uma viagem a Gana, quando ocorre a reaproximação das famílias de Esi e Effia. Como aponta Cañellas i Bosh:

[...] resultado da separação das duas irmãs, Effia e Esi, é a reunião de seus últimos descendentes, Marjorie e Marcus. Ambos vivem na América no final dos anos 90 e são os que mais sabem sobre seus



ancestrais. Marcus não conhece nada de sua linhagem genealógica antes de H [...] (CAÑELLAS i BOSCH, 2018, p. 12, tradução nossa)<sup>8</sup>

Muito embora Marcus não conheça muito da história familiar, ele sabe o suficiente do sofrimento e trauma passado de geração a geração. Em contrapartida, graças às histórias narradas por Akua em Gana, Marjorie tem acesso à memória dos antepassados.

No início do romance Esi perde seu colar, herdado de Maame, em Cape Coast. Assim, seus descendentes não têm conhecimento da pedra negra do colar. No castelo, Marjorie coloca o colar em Marcus, “o colar de pedra negra estava pousado logo abaixo da base do seu pescoço [...] — Pronto — disse Marjorie. — Fica com ele. — Ela o tirou do pescoço e o pendurou no de Marcus. — Bem-vindo ao lar” (GYASI, 2018, p. 222). Marcus ganha o colar no mesmo lugar que Esi o perdeu, retomando, assim, a sua herança.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto, procuramos ressaltar os efeitos da diáspora africana, do tráfico de escravos, bem como da vida pós-escravidão em algumas personagens do romance *O caminho de casa*, de Yaa Gyasi. Na análise buscamos demonstrar que, ao serem escravizados, os africanos foram forçados a adaptar-se aos costumes e ao idioma de seus senhores. Essa adaptação, na maioria das vezes, gerava uma identidade híbrida, forjada em meio a muito sofrimento e violência.

O romance de Gyasi revisita a história ao perpassar várias gerações de uma mesma família desde o século XVIII até a contemporaneidade, não apenas narrando as transformações sociais ao longo do tempo, mas, principalmente, demonstrando que a escravidão constituiu um legado que afetou profundamente os descendentes dos escravos, cujas vidas foram marcadas de modo traumático.

---

<sup>8</sup>[...] the result of the separation of the two sisters, Effia and Esi, is the reunion of their last descendants, Marjorie and Marcus. Both of them live in the America of the late 1990s and they are the ones that know the most about their ancestry. Marcus does not get to know anything from his genealogical line before H, (CAÑELLAS i BOSCH, 2018, p. 12)



Desde que Esi atravessou o Atlântico até os anos 90, quando a narrativa termina, os descendentes de Effia e Esi frequentemente questionaram suas próprias identidades. A escravidão resultou em uma “fratura incurável” (SAID, 2003) entre os escravos e sua terra natal, tornando-se um legado de sofrimento que encontra no racismo e na exclusão a sua face hodierna.

A literatura se apresenta, assim, como um lugar de memória, onde os arquivos históricos são revolvidos e criticamente revisitados. Ao escrever sobre a diáspora negra, Yaa Gyasi nos permite refletir sobre passado e presente e desejar que se aprenda algo com a história.

## Referências

CAÑELLAS i BOSCH. Joana Maria. **Taking Away Your Name Is the First Step: The Transgenerational Trauma of Slavery and the Shaping of Identity in Yaa Gyasi's Homegoing.** 2018. Grau d' Estudis Anglesos. Universitat de les Illes Balears, Balearic Islands, 2018.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. Identidades diaspóricas em Unaccustomed earth: a ficção de Jhumpa Lahiri. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, UNIGRANRIO**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 1-18, 2013.

FARIA, Sheila de Castro. Identidade e comunidade escrava: um ensaio. **Revista Tempo**, Departamento de História da UFF, Niterói; RJ, vol. 11, n. 22, 2007. p.122-146.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência.** São Paulo: Editora 34, 2001.

GYASI, Yaa. **O caminho de casa.** Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2017.

\_\_\_\_\_. **Premiado romance de Yaa Gyasi acompanha descendentes de duas irmãs africanas.** Sérgio Luiz. O Globo. Agosto, 2017. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/www.geledes.org.br/o-caminho-de-casa-premiado>





romance-de-yaa-gyasi-acompanha-descendentes-de-duas-irmas-africanas/amp/.  
Acesso em: 5 de junho.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

KENNY Kevin. **Diaspora: A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

SAID, Edward. **Reflexões sobre exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

SILVA, Lúcia Helena Oliveira; XAVIER, Regina Célia Lima. Pensando a Diáspora Atlântica. **História**, v.37, 2018, e2018020, São Paulo, 2018.

SANTOS, Eufrázia C. Menezes. Resenha Gilroy, Paul. O Atlântico negro. Modernidade e dupla consciência. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 45, n. 1, 2002.

Recebido em 20/07/2020

Aceito em 07/10/2020

Apêndice

Maame

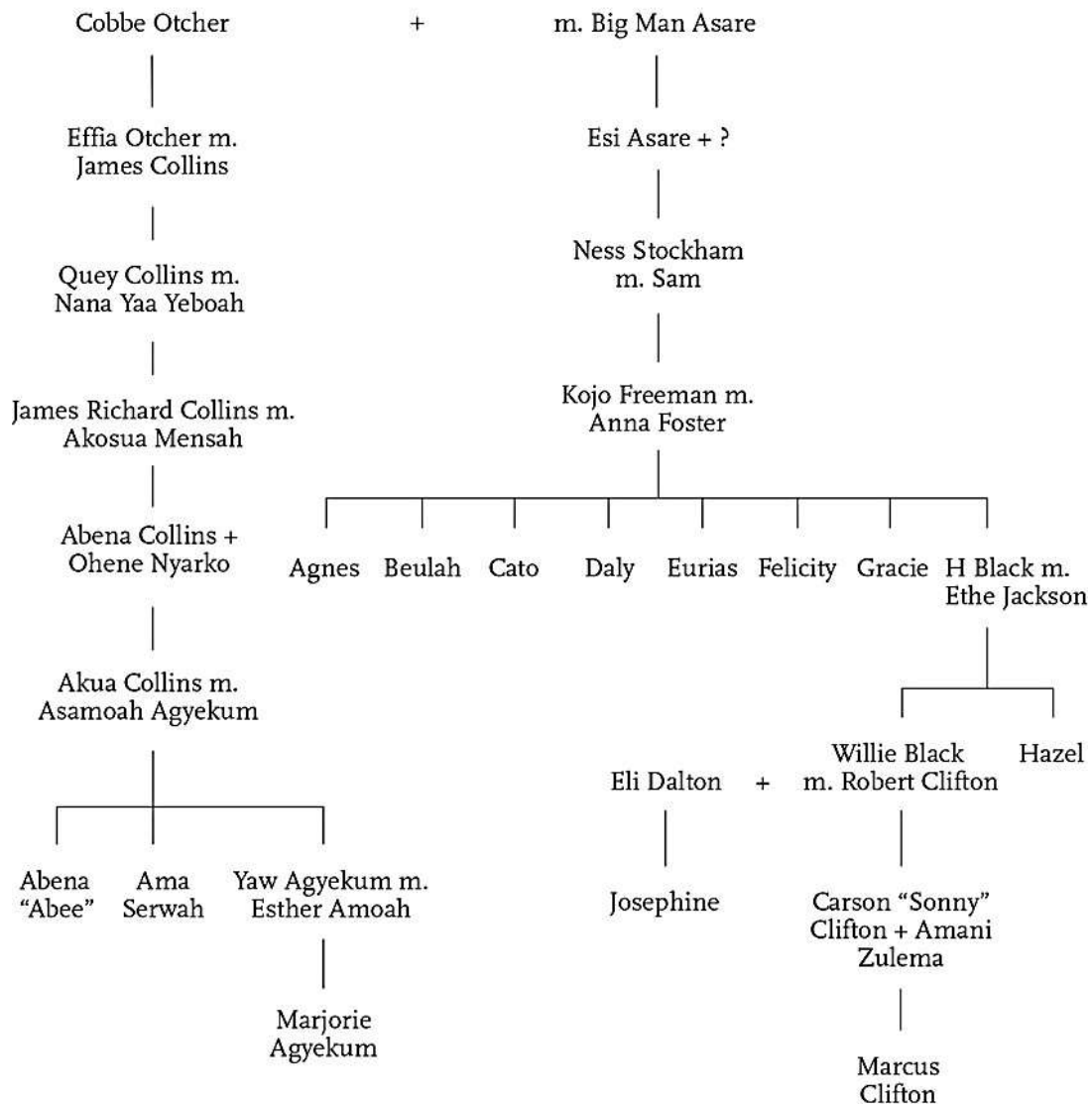


Figura 1- Árvore genealógica das duas irmãs, conforme a edição de 2017 do romance em inglês publicado por Penguin Random House.